JOSY SILVA



RAÍZES DA RESISTÊNCIA

O LEGADO DA VÓ LUZIA

Texto: *Josy Silva*
Revisão ortográfica e gramatical: *Betânia Maria Lidington Lins*
Revisão técnica de cordel: *João Paulo Resplandes*
Diagramação: *Edson Gadelha*
Xilogravura: *Jefferson Campos*
Capa: *Edson Gadelha*
Música: *EdiMaria/Edson Gadelha*
Transcrição: *Edson Gadelha*
Formato: *13cm x 18cm*
Editora: *EdiMaria*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo - Brasil)

Silva, Josineide Ribeiro da, 1981-
S586r Raízes da resistência : O Legado da Vó Luzia / Josineide Silva. - 1. ed - São Paulo : Editora EdiMaria, 2024.
24p.: il. ; 18cm.

ISBN: 978-65-00-92410-7

1. Literatura de cordel brasileira. 2. História 3. Lendas I. Título.

CDD 398.5
Andréia Maria Lidington Lins - CRB4/868

APRESENTAÇÃO

Apresentar esta obra é apertar o gatilho da emoção e ser atingida no coração cerebral e passear pelo país das reminiscências com um prazer de renovação.

Por muito tempo o cordel foi estigmatizado como sendo um gênero escrito por analfabetos; e como é possível escrever sem conhecer as letras? A resposta é, o cordel por sua musicalidade, rima e versos, encantava tanto as pessoas que elas internalizavam as histórias e passavam a contá-las com naturalidade, com a mágica que a oralidade opera nos povos.

Aprende-se a falar antes de escrever. Pois foi assim que a "voinha Luzia" imprimiu sua bela história de vida, perpassando para outras gerações com tanto afeto e gratidão, como expressa neste texto sua neta Josy que ficou "abismada", quando soube que sua avó não aprendera ler.

Mas a força com que a poesia apoderou-se daquela mulher foi tão marcante que hoje, um dos

galhos da sua árvore, floresceu e vem dando frutos nesse mundo da palavra, contando em versos do cordel uma história com a cor e o suor da terra nordeste.

Vocês não ficarão indiferentes depois de conhecerem o percurso de vida desta mulher resistente e crente no amanhã.

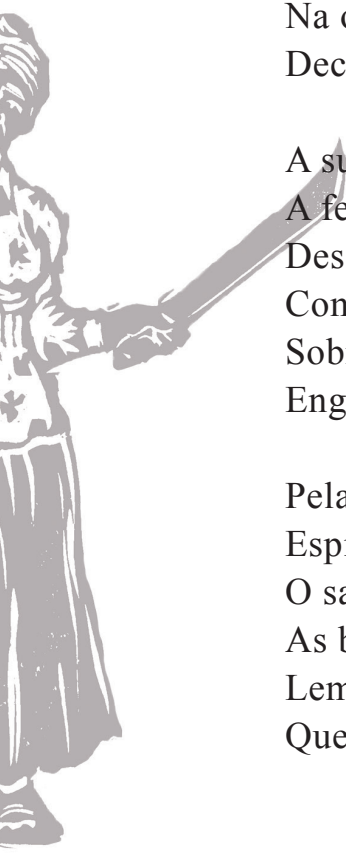
EdiMaria

RAIZES DA RESISTÊNCIA
O LEGADO DA VÓ LUZIA

Voinha é minha raiz,
Na caatinga foi gestada
A cor escura da pele
Não a deixou devastada
Sofreu com o preconceito
Não tinha medo de nada.

Nasceu em uma fazenda
No berço da escravidão
Sofrendo na meninice
Passando por provação
Sem nunca ir à escola
Por conta da condição.





Aquela sábia mulher
Que nunca teve o prazer
De caminhar pelas letras
A poesia um afazer
Na oralidade escolheu
Declamar, era o lazer.

A sua infância difícil
A fez uma fortaleza
Desde criança trabalhou
Com afinco e destreza
Sobrevivendo às dores
Engabelando a tristeza.

Pela fresta da senzala
Espiava a grande roda
O samba e a capoeira
As brincadeiras da moda
Lembranças da meninice
Que na cabeça denoda.

Impossível tomar leite
Devido ser proibido
O “senhor” matava boi
E uma coisa era sabido
Para os negros, só as víceras
Era-lhe o merecido.

O mingau da sua avó
Feito de milho ralado
Matava a fome de todos
Com o caldo encorpado
Das vísceras do gado morto
Ao pesado ensopado.

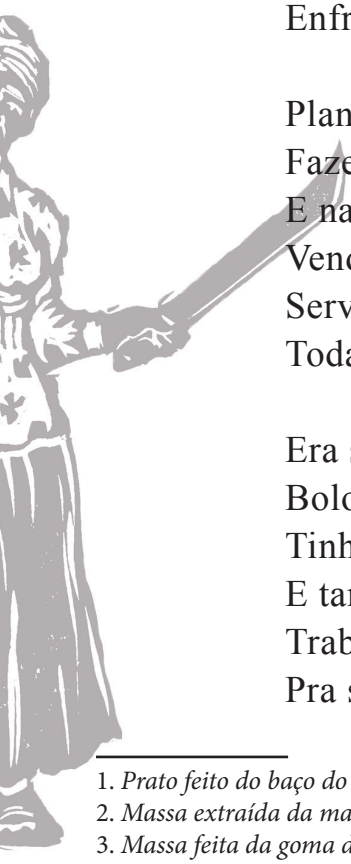
Casou-se muito menina
E foi mãe ainda cedo
Aposentou cada sonho
Afugentou todo o medo
Queria contar outra história
E mudar o seu enredo.



Mas seu destino foi cruel
Sorriu de sua pobreza
E pra sustentar seus filhos
Nesse mundo de rudeza
Foi trabalhar na lavoura
Enfrentando a dureza.

Plantava muita mandioca
Fazendo dela farinha
E na banquinha da feira
Vendia junto passarinha[1]
Servia com bela salada
Toda cortada em tirinha.

Era sucesso de venda
Bolos feitos de mandioca
Tinha o de massa puba[2]
E também o de tapioca[3]
Trabalhando com destreza
Pra sustentar a maloca[4]



1. *Prato feito do baço do gado.*
2. *Massa extraída da mandioca fermentada.*
3. *Massa feita da goma da mandioca.*
4. *Casa velha.*